

A INFLUÊNCIA DO CAPITAL CULTURAL NO DESEMPENHO ESCOLAR EM SOCIOLOGIA: O PERFIL SOCIOCULTURAL DE ESTUDANTES DA ESCOLA DE APLICAÇÃO/UFPA

Larissa Carolina Brito de Andrade ¹
Vergas Vitória Andrade da Silva ²
Jean Lobo do Vale ³
Rosivane Santana de Oliveira ⁴

RESUMO

O presente artigo tem em vista analisar a influência do capital cultural sob desempenho escolar dos estudantes na disciplina de sociologia na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará. Tendo tal objetivo, a pesquisa tem como aporte a perspectiva teórica de Pierre Bourdieu, somando a outros pensadores. Partindo desse foco central, realizou-se um estudo sobre as bases culturais e sociais do desempenho estudantil. O objetivo é entender as razões do (in)sucesso escolar em sociologia e suas relações com a distribuição desigual de capital cultural dos(as) alunos. Com o suporte teórico bourdieusiano, inferimos que a desigualdade social é um fator marcante da sociedade atual, mas não tratando-se de um fenômeno posto e construído no momento presente, tendo em vista que, é histórico e inerente a sociedade de classes, trata-se, sobretudo, de um sistema de contradições que se reflete nos diversos âmbitos sociais. O caminho metodológico seguiu-se através da análise de dados primários coletados por meio de questionário para obtenção de dados qualitativos, objetivando sondar possíveis relações entre a cultura adquirida, e o quanto ela socialmente influi na capacidade cognitiva do indivíduo. A pesquisa foi aplicada aos estudantes do 1º Ano do Ensino Médio da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará, posto que, estes se encontram no início de sua “relação” com a Sociologia, fator colaborativo para a análise do desenvolvimento desse “contato” e dos fatores que podem influenciá-lo. Através dessa pesquisa concluímos que o capital cultural internalizado do meio social do indivíduo interfere diretamente no desempenho escolar dos estudantes de sociologia.

Palavras-chave: Capital Cultural; Desempenho Escolar; Sociologia; Pierre Bourdieu.

INTRODUÇÃO

O sociólogo francês Émile Durkheim (2001) afirma que a educação é a ação exercida pelas gerações adultas, sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida em sociedade. Assim sendo, a educação volta-se como ferramenta para a propagação de hábitos, costumes e comportamentos por meio da vivência social, transmite aspectos, traços da coletividade. A

1 Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará - UFPA, carol.arissa@yahoo.com.br;

2 Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; docente da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará - EAUFGA, vergas@ufpa.br.

3 Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará - UFPA, jeanlv96@gmail.com;

4 Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal - UFPA, lupaoliveira1973@gmail.com;

educação é também, uma forma de socialização dos sujeitos, permitindo um acesso comum à cultura e aos costumes de uma dada sociedade.

O capital cultural adquirido pela vivência no meio social tem poder de influência no desempenho dos estudantes na disciplina de Sociologia? Esta é a questão norteadora do presente trabalho. Com base nela, esta pesquisa realizou um estudo qualitativo sobre as bases culturais e sociais do desempenho estudantil.

O objetivo é entender as razões do (in)sucesso escolar em sociologia e suas relações com a distribuição desigual de capital cultural dos(as) alunos(as) do 1º ano do ensino médio da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EA/UFPA). Para tanto, nosso ponto de vista teórico considera que “a ação do meio familiar sobre o êxito escolar é quase exclusivamente cultural”, ou seja, “é o nível cultural global do grupo familiar que mantém a relação mais estreita com o êxito escolar” (BOURDIEU, 2015, p. 46).

Partindo dessa perspectiva teórica, inferimos que a desigualdade social é um fator marcante da sociedade atual, mas não se trata de um fenômeno posto e construído no momento presente, tendo em vista que é histórico e inerente a sociedade de classes, advindo do modo de produção capitalista, que se mantém por meio da desigualdade. Trata-se, sobretudo, de um sistema de contradições que se reflete nos diversos âmbitos sociais.

O capitalismo e a desigualdade social se retroalimentam, pois tanto as condições econômicas quanto às condições sociais são fruto de uma desigualdade sistêmica, e tudo caminha convertendo-se em funcionalidade ao capitalismo, a exemplo da educação, que acaba sendo voltada a tornar o indivíduo útil ao capitalismo, fator que se aprofunda com o neoliberalismo e a desenfreada lógica da produtividade. Assim sendo, tal perspectiva, é internalizada e propagada sob a lógica da meritocracia, reproduzindo as desigualdades sob a mentalidade racional da modernidade, interferindo no acesso cultural e na carga de capital cultural do sujeito.

As contradições da sociedade capitalista e de classes, refletem-se também no âmbito educacional, pois o poder interpretativo e de compreensão dos educandos em sala de aula pode ser influenciado pelo capital cultural. Todavia, em meio a uma sociedade de classes, o acesso à informação é possibilitado de maneiras contrastantes, privilegiando uns, sendo negado a outros. Outrossim, os educandos possuem capitais culturais diferentes, e estes são adquiridos por meio da vivência em seu meio social.

Tendo em vista tais particularidades, o desempenho escolar na disciplina de Sociologia pode encontrar-se atrelado ao capital cultural do sujeito. Isto posto, nossa pesquisa



afere que o capital cultural das famílias e dos discentes do ensino médio da Escola de Aplicação/UFPA tem impacto decisivo nas chances de êxito escolar.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O caminho metodológico seguiu-se através da análise de dados primários coletados por meio de questionário para obtenção de dados qualitativos, buscando compreender o contexto dos educandos, objetivando sondar possíveis relações entre a cultura adquirida, e o quanto ela socialmente influi na capacidade cognitiva do indivíduo. Através do conhecimento de que o meio social influencia a construção do sujeito, a pesquisa foi aplicada aos estudantes do 1º Ano do Ensino Médio da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará, posto que eles se encontram no início de sua “relação” com a Sociologia, fator colaborativo a análise do desenvolvimento desse “contato” e dos fatores que podem influenciá-lo.

De acordo com Gil (1999, p.128), o questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”. Após a obtenção de informações através dos questionários, analisamos os dados obtidos, sob a luz do pensamento de Bourdieu que, segundo afirmações de Nogueira e Nogueira (2002, p. 21):

[...] do ponto de vista de Bourdieu, o capital cultural constitui o elemento da bagagem familiar que teria o maior impacto na definição do destino escolar. A Sociologia da Educação de Bourdieu se notabiliza, justamente, pela diminuição que promove do peso do fator econômico, comparativamente ao cultural, na explicação das desigualdades escolares.

Por fim, este estudo contou com uma coleta de dados que se iniciou em novembro de 2022. A pesquisa adota como base empírica uma amostra que envolvia 137 discentes do 1º ano do ensino médio da EA/UFPA, com a média de idade que varia entre 15 e 18 anos. Os(as) estudantes estavam divididos em cinco turmas distintas, denominadas: 101, 102, 103, 104, 105. Este grupo foi selecionado para o referido estudo sob a justificativa de que fazem parte das turmas que os autores estagiaram na condição de bolsistas do Programa Residência Pedagógica. Em termos objetivos, o contato semanal com esses(as) alunos(as) garantiu uma proximidade maior com o campo empírico.

REFERENCIAL TEÓRICO

O tema abordado neste trabalho está alinhado com uma abordagem teórico-metodológica comum nos estudos sobre o desempenho acadêmico e o capital cultural. (PALERMO et al., 2014; RIANI; RIOS-NETO, 2008; BARROS et al., 2001). Há muitos anos, essa área de estudo tem produzido evidências empíricas substanciais e desenvolvido um quadro analítico sofisticado para explicar como a origem social afeta o desempenho escolar.

De fato, as pesquisas realizadas nessa área validaram a ideia de que as condições culturais e socioeconômicas exercem uma influência universal nos resultados educacionais. A partir de testes padronizados em diversos países que foram incluídos em pelo menos uma pesquisa internacional (como IEA e/ou Pisa), ficou evidente que o desempenho dos(as) estudantes é afetado por sua origem social. (CRAHAY & BAYE, 2013). Conforme Crahay e Baye (2013, p. 861), “é a generalidade e a repetição do fato constatado que autorizam a OCDE a afirmar que, em todos os países, a condição social, econômica e cultural dos pais explica em grande medida as competências e aquisições dos alunos”.

Nesse sentido, o trabalho em questão assume como ponto de partida a ideia de que o capital cultural desempenha um papel crucial na determinação das oportunidades de alcançar sucesso acadêmico. É uma noção útil a essa pesquisa, pois fornece subsídios para “explicar as desigualdades de rendimento escolar verificadas entre os alunos, deslocando o eixo explicativo dos fatores de ordem individual (o “dom”, a inteligência, a aptidão etc.) para os fatores de ordem social, em particular, o meio sociocultural de pertencimento da criança” (NOGUEIRA; PIOTTO, 2021, p. 02).

De fato, existe uma conexão entre o sucesso escolar e a origem social dos indivíduos. Em linha com a teoria de Bourdieu (2011, p. 35), que argumenta que “a instituição escolar contribui para reproduzir a distribuição do capital cultural e, assim, a estrutura do espaço social”, o presente estudo visa discutir as relações que se estabelecem entre capital cultural e rendimento escolar exitoso em sociologia.

SOCIOLOGIA: UMA CIÊNCIA CRÍTICA

O século XVIII é marcado por uma série de eventos essenciais que culminaram com o surgimento da sociologia, dentre tais eventos, dois foram fundamentais: A Revolução Francesa e a Revolução Industrial, posto que levaram a mudanças significativas no seio da sociedade, transformações desde exigências por uma nova estrutura política de participação popular, até mesmo a introdução de novos modos de produção e concomitantemente, o

surgimento de novas classes sociais. Todas essas modificações, levaram a necessidade do advento de uma ciência para buscar compreender a nova realidade desse tecido social em meio ao capital que vinha se formando. Portanto, Pierre Bourdieu, de certa maneira, popularizou e reformulou a sociologia, na medida em que buscou uma forma de pensamento que não pudesse ser encaixada em uma tipologia fechada.

Na mesma linha de argumentação Martins (1994) infere que a sociologia é uma manifestação do pensamento moderno. A sociologia surge para olhar além do aparente, ela surge para analisar também, as inquietações na vida social, problematiza aspectos muitas vezes “normalizados” na sociedade, porque entende que existem fatores intrínsecos.

Neste sentido, pensar a sociologia como uma ciência crítica, assim como o seu exercício interdisciplinar no processo de ensino-aprendizagem, é essencial para a formação curricular e cidadã do educando. Todavia, para isso, o ensino dessa disciplina deverá em primazia considerar não somente o arcabouço teórico científico no qual a sociologia está alicerçada, mas também as especificidades socioculturais, as questões econômicas e os espaços geográficos onde cada estudante vive. A este respeito, Bourdieu salienta:

Se os que têm a ver com a ordem estabelecida, seja lá o que for, não gostam nenhum pouco da sociologia, é porque ela introduz uma liberdade em relação à adesão primária que faz com que a própria conformidade assuma um ar de heresia ou de ironia (BOURDIEU, 1994, p.60).

Partindo desse viés interdisciplinar, outra questão recai sobre o currículo escolar, este que é estruturado para a formação conteudista. O currículo vem do latim *curriculum* que significa “pista de corrida”. Hamilton (1992) identifica que provavelmente o conceito foi pioneiramente utilizado na educação na Inglaterra pós Reforma Protestante para significar: “uma entidade educacional que exhibe tanto globalidade estrutural quanto completude sequencial. Um *curriculum* deveria não apenas ser “seguido”, deveria também ser “completado” (HAMILTON, 1992, 43).

Portanto, se o currículo for aplicado tal como é idealizado institucionalmente não contribuirá na formação crítica dos indivíduos. Sendo assim, a base curricular que antes primava por uma sequência a ser seguida, agora toma uma que acaba por privilegiar o controle, principalmente daqueles menos abastados. Então, considerando o olhar extracurricular, o educador tem papel extremamente importante na articulação de metodologias que objetivam instigar os alunos a questionarem a sua imagem enquanto ser socialmente integrado a um espaço plural.



Considerando esse contexto da pluralidade presente no ambiente educacional, faz-se necessário relacionar as questões que permeiam a influência do capital cultural no desempenho escolar em sociologia com o currículo escolar, partindo para a interdisciplinaridade curricular necessária à formação discente.

Nessa perspectiva, o ensino da sociologia permite que, a partir do conhecimento dos diferentes grupos, professores e alunos possam compreender, valorizar e respeitá-los. Pois, “sínteses criativas a partir de olhares plurais só têm a contribuir no caminho da construção de alternativas educacionais propiciadoras da formação de gerações abertas à diversidade cultural, e desafiadora de congelamentos identitários e preconceitos.” (CANEN, 2007, p. 101).

Nestes termos, Bourdieu (1998, p.) diz que “o prazer de desiludir” – é “um prazer que faz parte das satisfações buscadas pela sociologia”. Direcionando-se a isso, educadores e educandos reflexionam-se como agentes transformadores e passam a se considerar atuantes no processo de transformação sociocultural, constituindo a importância da coragem e da vontade de mudar suas realidades, e com isso, proporcionar meios para uma ressignificação da escola.

Pierre Bourdieu (1994) em seus ensinamentos reforça que, apenas ao conhecermos os mecanismos que fazem com que a educação escolar contribua para a reprodução das desigualdades e privilégios é que poderemos trabalhar para construir alternativas pedagógicas críticas e reflexivas que os minimizem ou até mesmo os neutralizem. “À medida que a ciência progride, e progride sua divulgação, os sociólogos devem esperar encontrar cada vez mais frequentemente, realizada em seu objeto, a ciência social do passado.” (BOURDIEU, 1994. p.16).

CAPITALISMO E DESIGUALDADE SOCIAL

Karl Marx (1996), na obra O Capital, com base na análise da dinâmica capitalista, reflete sobre a relação entre o acúmulo de capital e a expectativa de qualidade de vida do operário, pensando o quanto o aumento de capital afeta a realidade da classe operária.

Para que compreendamos a desigualdade social, precisamos refletir seus aspectos originários. A gênese da desigualdade social encontra-se no domínio do homem sobre seu semelhante, explorando-o em prol da acumulação, através da produção superior àquela necessária para sua subsistência, nesse contexto, se estabelecem relações de poder e sobreposição de classes, na qual a acumulação do lucro obtido com a superprodução, pertence



a uma parcela específica da sociedade, encontrada sob o domínio daqueles que exercem a dominação.

A sobreposição de uns indivíduos sobre outros é histórica, e ganha nova roupagem com a introdução do sistema capitalista, posto que emerge a problemática da disparidade social, como fruto e base desse sistema econômico, fundamentando-se em um emaranhado de contradições que são reflexo da reprodução capitalista, almejando progressivamente o lucro através da exploração de forças produtivas. Todo esse contexto econômico, produz e reproduz uma série de desigualdades, dispondo acesso dissimétrico à cultura, e outros serviços.

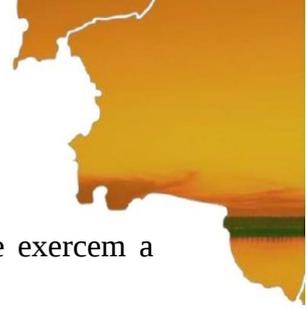
Toda essa lógica supracitada reflete-se sobre diferentes esferas e instituições na contemporaneidade, chegando à instituição escola, afetando diretamente o rendimento de alguns estudantes em relação ao desempenho de outros. Para Marx e Engels (1999), a disparidade de classes é intimamente ligada à desigualdade social e ambas caracterizam, e impulsionam a economia capitalista.

CAPITAL CULTURAL E DESEMPENHO ESCOLAR

Conforme a perspectiva adotada neste trabalho, podemos entender o ambiente escolar como local de reprodução de valores dominantes, pois através da perspectiva de “atribuir nota” ao rendimento escolar, segrega-se indiretamente o educando com baixo acúmulo de capital cultural em determinação ao indivíduo que apresenta elevado acúmulo cultural. Tendo em vista que o acesso a bens culturais como tecnologia com ampla disponibilidade e acesso a livros influenciam no desenvolvimento crítico do estudante.

Apesar de pregar um ideal igualitário, a escola reproduz disparidades impostas pela sociedade, posto que a escola propaga o que uma parcela da sociedade considera adequado a ser ensinado. A carga cultural carregada pelo educando é um fator determinante para os rumos tomados na trajetória escolar, e através da análise do rendimento educacional, a instituição mesmo que indiretamente, seleciona os “melhores” alunos dando-lhe honra por meio de pontuações avaliativas.

Em meio a esse pensamento, as próprias preferências e escolhas dos estudantes são frutos de relações de forças que atuam sobre ele, alicerçadas em estruturas que propagam as características da sociedade capitalista, em prol da reprodução e relação entre a família e a escola. Portanto, cada uma dessas instituições carrega atributos culturais a serem internalizados nos indivíduos através da socialização, da assimilação e transformação dessas características e hábitos.



Para tanto, é necessário pensar no quanto é relevante ou não aos detentores de capital que a classes menos favorecidas tenham acesso a conhecimentos e a bens que desenvolvam sua criticidade, para esses primeiros, é mais rentável que a classe desfavorecida se mantenha em certo distanciamento do conhecimento, garantindo a alienação da real condição social que lhe subjuga.

Para que possamos entender a linha de pensamento aqui presente, faz-se preciso compreender a magnitude da concepção de capital cultural. Pela conceituação bourdieusiana, o capital cultural corresponde ao compilado cultural da herança familiar que interfere no rumo escolar. Ainda pela abordagem de Bourdieu (1998), ao refletir no tocante ao capital cultural, pensa-se no que concerne a desigualdade de desempenho escolar por educandos de diferentes classes sociais, relacionando sucesso escolar com a distribuição de tal capital entre classes, transgredindo a relação que comumente se faz entre sucesso escolar como fruto da aptidão.

Sendo sociologia uma ciência crítica, o acesso ao capital cultural influencia no rendimento escolar do estudante em tal área do conhecimento, e a escola acaba por vestir-se como ambiente classificador de indivíduos, posto que o ensino não é assimilado na mesma proporção por todos os discentes no ambiente escolar, pois estudantes de classes mais elevadas carregam junto a si uma elevada bagagem de capital cultural, que se impõe como cultura dominante através do domínio das artes e da cultura.

A cultura é carregada de valores que moldam os grupos sociais integrantes dela. Bourdieu e Passeron (1992) fazem uso do conceito de capital cultural para desenvolver sua linha teórica justificando a maneira com a qual a cultura em meio a uma sociedade de classes, transforma-se em bem acumulativo das classes dominantes para se sobrepôr aos dominados, acentuando cada vez mais as desigualdades.

Atribuindo significado à cultura dominante como cultura “boa”, pela lógica da violência simbólica, que na visão de Bourdieu e Passeron (1992), representa a imposição como legitimidade, por meio de relações de força, atribuindo significação através de ideologia que apoiam e reproduzem uma lógica de superioridade cultural, ao mesmo tempo em que restringem, delimitam o acesso ao aporte cultural que pode contribuir com a criticidade, evidenciando tratar-se de um bem de acesso a poucos.

Sob essa perspectiva, é importante assinalar que “a cegueira às desigualdades sociais condena e autoriza a explicar todas as desigualdades, particularmente em matéria de sucesso escolar, como desigualdades naturais, desigualdades de dons” (BOURDIEU; PASSERON, 2014, p. 92). Nota-se que a cegueira frente às desigualdades é uma ferramenta em prol da



manutenção das mesmas, mantendo os privilégios de uns em função do “sofrimento social” de outros, reproduzindo os mesmos padrões.

Deste modo, indivíduos inseridos em um contexto de amplo acesso ao patrimônio cultural apresentam grande expectativa de seguir percurso escolar rumo ao êxito, pois têm acesso a bens que os levam ao desenvolvimento crítico. A própria escola valida a desigualdade ao atribuir mérito ao estudante afortunado, ou seja, sua imagem e posição mudam diante dos olhos dos outros, até mesmo a forma de tratamento do indivíduo mais afortunado é privilegiada em comparação ao tratamento recebido por sujeitos com menor capital cultural e econômico. Seguindo a visão bourdieusiana, a conduta dos indivíduos inseridos no campo das relações sociais escola/família representam uma enunciação do sistema de valores derivado da posição social ocupada pelos mesmos.

Nesta lógica, o capital cultural representa o compilado vivenciado pelo indivíduo em todo o seu contexto existencial incorporado através de hábitos sendo reproduzido e absolvido por todos os integrantes de seu campo. Ao vivenciar o ambiente escolar, o indivíduo soma ao seu capital cultural, uma nova relação com o capital partilhado no ambiente escolar. No entendimento de Melo e Campos (2014), o capital cultural é moldado sob a visão de tratar-se de habilidade individual, por vezes desconsiderando uma série de aplicações capitalizadas tanto no que tange a cultura quanto na educação.

Neste sentido, a escola reproduz as desigualdades forjadas pelo capitalismo, nesse contexto, os integrantes das relações sociais estabelecidas nesse campo, portam-se de acordo com sua posição social, em vistas da manutenção de seu status. Os sujeitos não são levados ao campo social de forma imóvel perante a conjuntura, pois eles possuem forças próprias que o caracterizam como possível ator de modificação de sua conjuntura, diante do impulso de seu campo, podendo internalizar algumas características, é o que Bourdieu (2002a) conceitua como *habitus*, justamente esse conjunto de forças em atuação sobre o sujeito dentro de seu contexto. Nas palavras do autor, o *habitus*:

[...] exprime sobretudo a recusa a toda uma série de alternativas nas quais a ciência social se encerrou, a da consciência (ou do indivíduo) e do inconsciente, a do finalismo e do mecanicismo etc. [...] tal noção permitia-me romper com o paradigma estruturalista sem cair na velha filosofia do sujeito ou da consciência, a da economia clássica e do seu homo economicus que regressa hoje com o nome de individualismo metodológico. (BOURDIEU, 2002a, p.60-61).

O desempenho escolar não depende simplesmente ao esforço do educando, o desenvolvimento educacional das sociedades passa por aspectos impositivos, transmitindo os



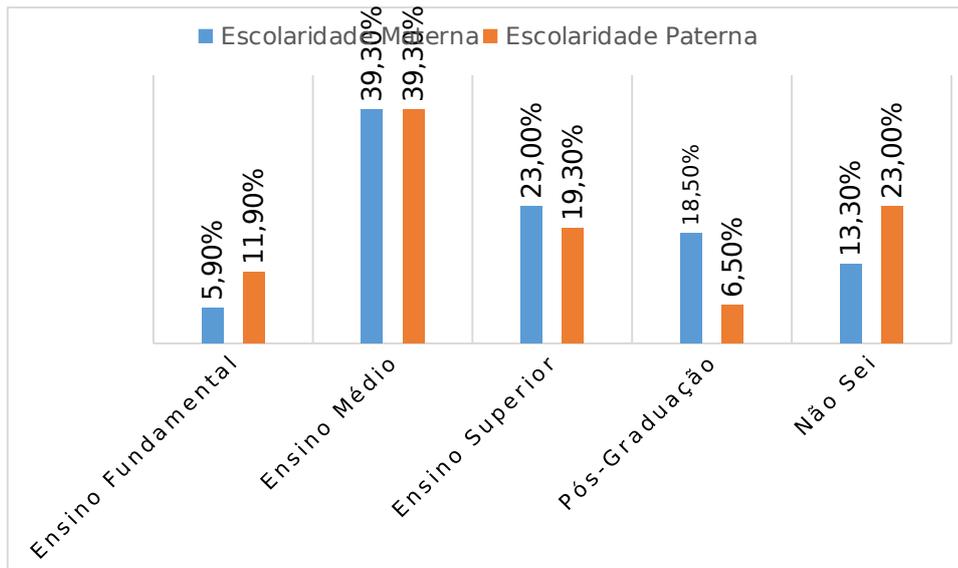
costumes de forma que inviabilize a quebra de padrões a tempos estabelecidos, formando indivíduos que atendam às normas sociais. Para tanto, o acesso à cultura, encontra-se diretamente ligado à estrutura social, e esse acesso a bens culturais tanto materiais quanto simbólicos, gera prestígio, status e influência.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este estudo contou com uma coleta de dados que se iniciou em novembro de 2022. A pesquisa adota como base empírica uma amostra que envolvia 137 discentes do 1º ano do ensino médio da EA/UFPA, com a média de idade que varia entre 15 e 18 anos. Os(as) estudantes estavam divididos em cinco turmas distintas, denominadas: 101, 102, 103, 104, 105. Este grupo foi selecionado para o referido estudo sob a justificativa de que fazem parte das turmas que os autores estagiaram na condição de bolsistas do Programa Residência Pedagógica. Em termos objetivos, o contato semanal com esses(as) alunos(as) garantiu uma proximidade maior com o campo empírico.

Desenvolvendo os resultados e discussões com base no questionário aplicado aos estudantes da EA (Escola de Aplicação) via Google Forms, com vistas em entender o capital cultural acessado pelos educandos para compreender as possíveis relações com desempenho escolar dos mesmos. Dentre as 12 perguntas do questionário, selecionamos aquelas correspondentes à problemática abordada neste estudo. Sendo assim, iniciamos a discussão aqui exposta, comparando o grau de escolaridade dos pais e sua relação com a dificuldade de aprendizagem dos alunos.

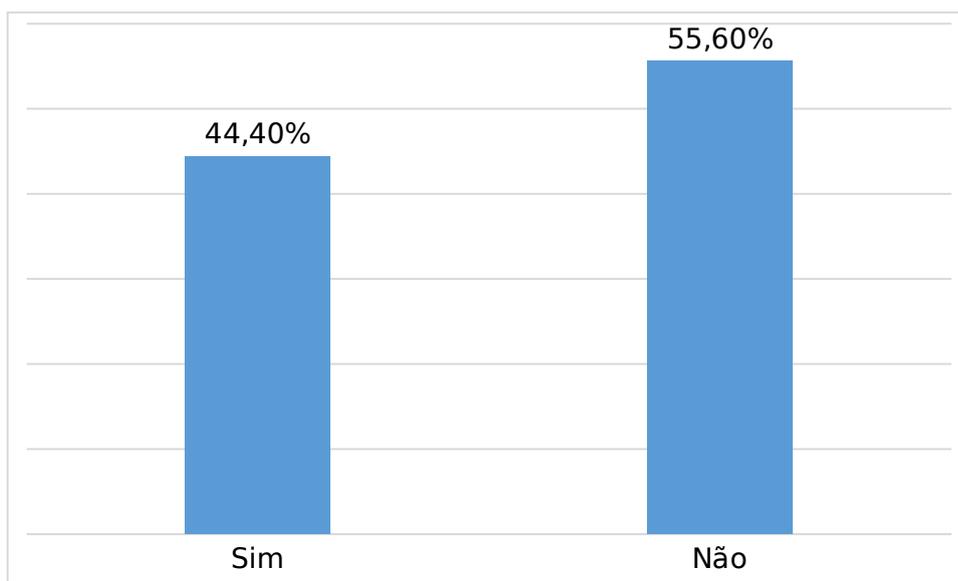
Gráfico 1: Nível de escolaridade materna e paterna



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

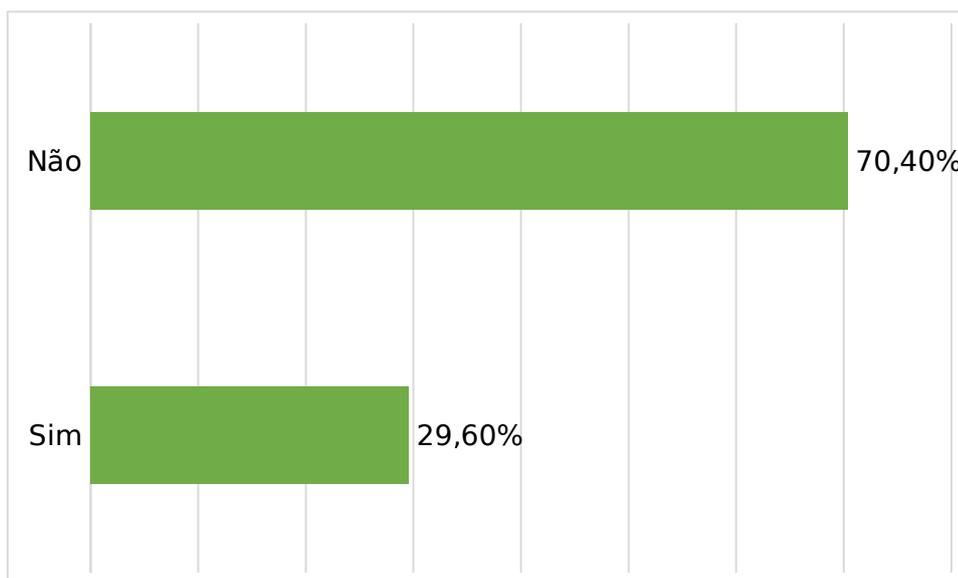
Analisando o gráfico 1 (acima), observamos que 39,3% de mães e pais possuem apenas o ensino médio, fazendo uma comparação com o quantitativo de pais e mães com pós-graduação é inferior em ambos os gráficos, evidenciando o desnível de acesso e permanência dos pais no ambiente educacional.

Gráfico 2: Seus pais/responsáveis costumam dar-lhes livros de presente?



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

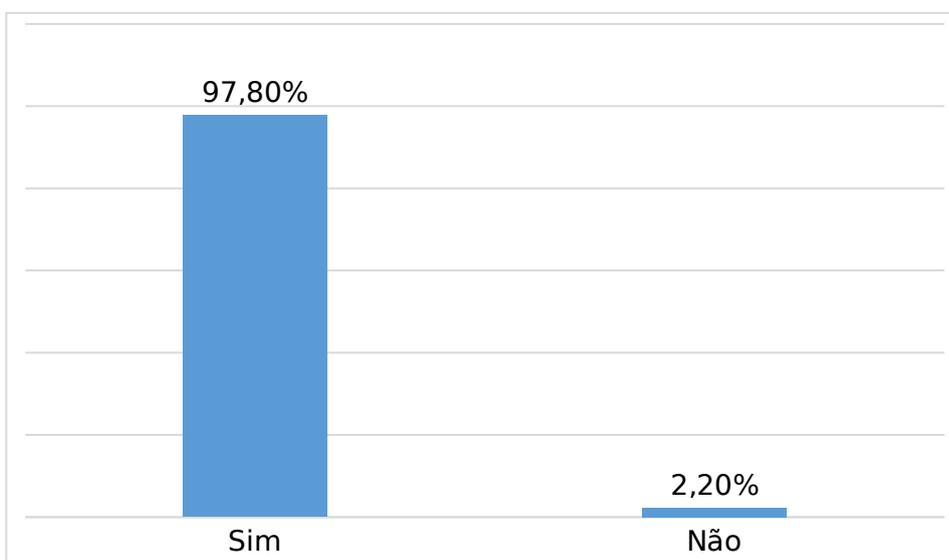
Gráfico 3: Você costuma frequentar livrarias?



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

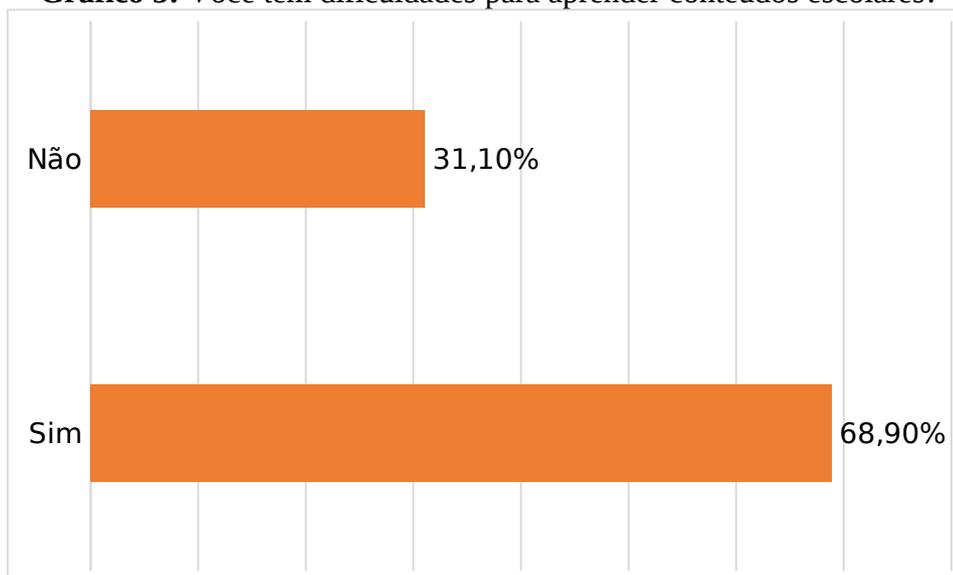
Nos gráficos 2 e 3 notamos o quanto é importante estabelecer uma relação entre o incentivo dos pais aos hábitos de leitura dos filhos, e o quanto esse incentivo influencia nos interesses dos filhos em frequentar livrarias. Através do exposto nos gráficos aqui citados, reafirmamos a tese de que o capital cultural é moldado pelo contexto do indivíduo, e incorporado através de hábitos, sendo reproduzido e absorvido em seu campo, as forças de seu campo, os levam a internalizar certas características, é o que Bourdieu chama de habitus, referente as forças em atuação sobre o indivíduo dentro de seu contexto.

Gráfico 4: Você já ficou em recuperação alguma vez?



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Gráfico 5: Você tem dificuldades para aprender conteúdos escolares?



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Dando sequência analítica aos gráficos 4 e 5, é possível notar que 97,8% dos educandos questionados já ficaram em recuperação (correspondente a 132 alunos, de um total de 135 respostas), e 68,9% dos estudantes apresentaram dificuldades em aprender conteúdos escolares. Portanto, fazendo um comparativo do desnível de incentivo a hábitos culturais, como a leitura, fica evidenciado que o acesso ao capital cultural internalizado pelos educandos interfere na trajetória escolar, sendo relevante ao (in)sucesso do sujeito. Mostram a percepção do quanto tal série de desigualdade afeta não só o cotidiano dos educandos, mas no seu rendimento, posto que, segundo os gráficos, em um comparativo com o rendimento dos educandos.

Recapitulando os gráficos elencados nesta discussão dos resultados, notamos uma rede de influências no tocante ao rumo escolar dos educandos, conquanto que, segundo o gráfico 1, boa parte dos pais possuem somente o ensino médio, mostrando uma desigualdade desde os passos trilhados pelos pais dos estudantes aqui questionados. Os gráficos 2 e 3 nos mostram que o estímulo dos pais interfere nos interesses da leitura dos filhos, ou seja, os filhos reproduzem traços adquiridos na sua teia de relações. Assim sendo, eles absorvem e reproduzem tais características, e todo esse percurso cultural, reflete na realidade exposto nos gráficos 4 e 5, em que relatam apresentar dificuldades em seu rendimento escolar, isso é oriundo de uma série de fatores interrelacionados com o capital cultural do indivíduo, os conhecimentos, preferências e estímulos moldados pelo meio social e internalizados no sujeito.

Para a conclusão da análise dos resultados desta pesquisa, foi de extrema importância ter como evidência que “a herança cultural, que difere, sob dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito”. (BOURDIEU, 1998, p. 42). A presente análise buscou entender a importância do capital cultural que figura através dos hábitos dos estudantes, e que em detrimento do seu contexto de vida social ganha dimensões consideráveis em sala de aula, com relevância tamanha para a compreensão da sociologia e de sua criticidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazendo à luz a reflexão da desigualdade social na sociedade capitalista, nota-se sua base em contrastes oriundos da lógica reprodutiva do capital, que produz bens de consumo em

larga escala, sempre buscando aperfeiçoar seu grau tecnológico. Todavia segue aprisionando o trabalhador em uma realidade desigual de acesso e bens. A cultura envolve valores capazes de moldar os grupos sociais que integram sua teia de relações.

As desigualdades sociais refletem-se e se expandem no âmbito escolar em meio a ações pedagógicas que reproduzem e acentuam as desigualdades, tendo em vista que, segundo a percepção de Bourdieu (1992), a ação pedagógica mostra-se como violência simbólica por externar-se como impositiva com poder arbitrário, advinda de uma cultura arbitrária que trata a somatória de capital cultural como acessível apenas para alguns.

Entende-se uma real conexão entre êxito escolar e a origem social dos educandos. Em paralelo com a teoria bourdieusiana (2011, p. 35), afirmando que a instituição escolar contribui com a reprodução e a distribuição de capital cultural e, assim, a estrutura do espaço social.

Com vistas a interpretar os condicionantes do sucesso escolar em sociologia, este estudo, baseou-se no conceito de capital cultural, debruçou-se sobre as características socioeconômicas e culturais dos(as) estudantes e de suas famílias, fatores estes comuns na literatura acadêmica sobre o assunto. Segundo os resultados aqui discutidos, essas características demonstraram pertinência na medida em que atuaram sobre o processo velado que gera maiores ou menores rendimentos escolares.

De acordo com o objetivo deste trabalho – entende-se que as razões do sucesso escolar e suas relações com a distribuição desigual de capital cultural –, foi possível concluir que os fatores que mais incidem no desempenho escolar são provenientes do *background* familiar, ou seja, as características familiares mostraram ser as de maior importância, vindo a corroborar com uma série de estudos já realizados sobre o tema.

Portanto, nossos resultados são compatíveis com a hipótese de que o capital cultural das famílias e dos(das) discentes pode ter impacto decisivo nas chances de êxito escolar. Afinal, conforme constatou Bourdieu (2015, p. 82), o rendimento dos(as) estudantes “depende do capital cultural previamente investido pela família”.

Conclui-se que, segundo a teoria bourdieusiana, a sociologia exerce o poder de “desencantar” o mundo, ou seja, ela revela aspectos intrínsecos e normalizados socialmente, ao gerar interrogações frente às características estruturantes da sociedade, a sociologia nos permite a busca pela desconstrução de problemas enraizados, e através da criticidade advinda com essa ciência, torna-se possível a percepção da alienação que afeta a sociedade, e assim é possível transgredir frente a tal problemática, mostrando que não existe uma ciência neutra frente às desigualdades da estrutura social, pois para esse teórico, “ciência neutra é ficção”.

(BOURDIEU, 1983, p.148). Portanto, o cientista possui um grande papel na sociedade, cabe a ele destruir as pré-noções e o senso comum, buscando elaborar novas maneiras de compreender suas instituições, suas relações, seu modo de vida, sua sociedade e a si próprio.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Maria F. A noção de capital cultural é útil para se pensar o Brasil? In: PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir (Org.). **Sociologia da educação: pesquisa e realidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BARROS, R. P. et al. **Determinantes do desempenho educacional no Brasil**. Pesq. Plan. Econ., v. 31, n. 1, abr. 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 42.

Id, 2003, pp. 41-79.

BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papirus, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Os Três Estados do Capital Cultural**. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Lições da aula**. São Paulo: Ática, 1994.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. C; PASSERON, J. C. **A profissão do sociólogo: preliminares epistemológicas**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero Limitada, 1983.

BOURDIEU, Pierre. 1930-2002. **A Dominação Masculina**/ Pierre Bourdieu; tradução Maria Helena Kühner. - 11ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 160p.

CANEN, A. **O multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação**. Revista Comunicação e Política, v. 25, n. 2, p. 91-107, 2007.

CRAHAY, M.; BAYE, A. Existem escolas justas e eficazes? esboço de resposta baseado no PISA 2009. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 150, p.858-883, set./dez. 2013.

DA FONSECA, Vitor. **Desenvolvimento cognitivo e processo de ensino aprendizagem: Abordagem psicopedagógica à luz de Vygotsky**. Editora Vozes, 2019.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Lisboa, 2001. Edições 70.

GESEDES, Grupo de Pesquisa. **Questionário: Hábitos de leitura e Capital Cultural: turmas 1º ano Ensino Médio.** Belém: EA/UFPA, 2022.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
IANNI, Octavio; Fernandes F. **Marx: Sociologia.** São Paulo: Ática, 1984.

HAMILTON, D. **Sobre as origens dos termos classe e currículo.** Teoria e Educação, n. 6, p. 43, 1992.

MARTINS, José de Sousa. **Exclusão Social e a Nova Desigualdade.** São Paulo: Paulus, 1997.

MARTINS, Carlos Benedito. **O que é Sociologia.** São Paulo, 1994. Editora Brasiliense.

MARX; Engels. **Manifesto Comunista.** São Paulo: Boitempo, 2005.

MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

MARX, Karl. In: **O Capital – Crítica da Economia Política.** Livro Primeiro, Tomo II. São Paulo, Nova Cultural Ltda.1996.

MELO, P. B.; CAMPOS, L. H. R. A interiorização recente das instituições públicas e gratuitas de ensino superior no Nordeste: efeitos e mudanças. Recife: **Fundação Joaquim Nabuco.** Relatório de Pesquisa, 2014. p. 9-42.

NOGUEIRA, Cláudio M. Martins; NOGUEIRA, M. Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, 2002, v. 23, n. 78, pp. 15-35. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002000200003>. Acesso em: 26 mai. 2023.

PALERMO, G. A.; SILVA, D. B. N.; NOVELLINO, M. S. F. Fatores associados ao desempenho escolar: uma análise da proficiência em matemática dos alunos do 5º ano do ensino fundamental da rede municipal do Rio de Janeiro. **R. bras. Est. Pop.**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, p. 367-394, jul./dez. 2014.

PIOTTO, Débora C.; NOGUEIRA, Maria Alice. Um balanço do conceito de capital cultural: contribuições para a pesquisa em educação. **Educ. Pesquis.**, São Paulo, v. 47, 2021.

RIANI, J. L. R.; RIOS-NETO, E. L. G. Background familiar versus perfil escolar do município: qual possui maior impacto no resultado educacional dos alunos brasileiros? **R. bras. Est. Pop.**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 251-269, jul./dez. 2008.

SILVA, Tania Mara Tavares. Pluralidade cultural e formação de professores: uma proposta crítica. **Revista História, Sociedade e Educação no Brasil**, Campinas, nº 11, set. 2003.

Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis11/art28_11.htm. Acesso em: 27 mai. 2023.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

